

Futuros da História da Arte: 50 anos do CBHA



Imagem: Aline Motta, (Outros) Fundamentos, 2017-2019

Anais | Edição especial

42º Colóquio do Comitê Brasileiro de História da Arte
07 a 12 de novembro de 2022 - Rio de Janeiro, Brasil

Locais de realização:
Universidade Federal do Rio de Janeiro
Museu de Arte Moderna do Rio de Janeiro



Futuros da História da Arte: 50 anos do CBHA



Imagem: Aline Motta, (Outros) Fundamentos, 2017-2019

Anais | Edição especial

42º Colóquio do Comitê Brasileiro de História da Arte
07 a 12 de novembro de 2022 - Rio de Janeiro, Brasil

Locais de realização:
Universidade Federal do Rio de Janeiro
Museu de Arte Moderna do Rio de Janeiro



Organização



Apoio



42º COLÓQUIO DO COMITÊ BRASILEIRO DE HISTÓRIA DA ARTE (2022)

PRESIDÊNCIA DE HONRA (*in memoriam*) – Walter Zanini

DIRETORIA DO CBHA (2023-2025)

Presidente - Vera Maria Pugliese de Castro (UnB/CBHA)
Vice-presidente - Eduardo Ferreira Veras (UFRGS/CBHA)
Secretário - Ivair Junior Reinaldim (UFRJ/CBHA)
Tesoureira - Daniela Pinheiro Machado Kern (UFRGS/CBHA)

DIRETORIA DO CBHA (2020 - 2022)

Presidente - Marco Antonio Pasqualini de Andrade (UFU/CBHA)
Vice-Presidente - Neiva Maria Fonseca Bohns (UFPEL/CBHA)
Secretária - Rogéria Moreira de Ipanema (UFRJ/CBHA)
Tesoureiro - Arthur Gomes Valle (UFRRJ/CBHA)

COMISSÃO ORGANIZADORA DO 42º COLÓQUIO DO CBHA- 2022

Presidente - Marco Antonio Pasqualini de Andrade (UFU/CBHA)
Angela Brandão (UNIFESP/CBHA)
Arthur Gomes Valle (UFRRJ/CBHA)
Camila Carneiro Dazzi (CEFET-RJ/CBHA)
Fernanda Pequeno (UERJ/CBHA)
Ivair Junior Reinaldim (UFRJ/CBHA)
Neiva Bohns (UFPEL/CBHA)
Rogéria Moreira de Ipanema (UFRJ/CBHA)
Sheila Cabo Geraldo (UERJ/CBHA)

COMITÊ CIENTÍFICO DO 42º COLÓQUIO DO CBHA- 2022

Elisa Souza Martinez (UnB/CBHA)
Maria Izabel Branco Ribeiro (FAAP/CBHA)
Maria Inez Turazzi (IBRAM/CBHA)
Paulo Knauss de Mendonça (UFF/CBHA)
Rita Lages (UFMG/CBHA)

COMISSÃO ORGANIZADORA DO PRÊMIO CBHA DE TESES/ 2022

Camila Carneiro Dazzi (CEFET-RJ/CBHA)
Dária Jaremtchuk (USP/CBHA)
Maria de Fátima Morethy Couto (UNICAMP/CBHA)
Paula Ramos (UFRGS/CBHA)
Vera Beatriz Siqueira (UERJ/CBHA)

COMISSÃO ORGANIZADORA DOS ANAIS DO 42º COLÓQUIO DO CBHA

Daniela Pinheiro Machado Kern (UFRGS/CBHA)
Eduardo Ferreira Veras (UFRGS/CBHA)
Fernanda Pequeno da Silva (UERJ/CBHA)
Rogéria Moreira de Ipanema (UFRJ/CBHA)

IMAGEM: Aline Motta, (*Outros Fundamentos*, 2017-2019).

DIAGRAMAÇÃO: Thaís Franco

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

C72 - Colóquio do Comitê Brasileiro de História da Arte (42: 2022)

Anais do 42º Colóquio do Comitê Brasileiro de História da Arte - Futuros da História da Arte: 50 anos do CBHA, Rio de Janeiro, 7-12 nov. 2022. (Organizadores: Vera Marisa Pugliese de Castro, Eduardo Ferreira Veras, Ivair Junior Reinaldim, Daniela Pinheiro Machado Kern, Fernanda Pequeno da Silva e Rogéria Moreira de Ipanema. Porto Alegre: Comitê Brasileiro de História da Arte, 2023 [2022].

Vários autores

1367 p. 21x29,7 cm: ilustrado

ISSN: 2236-0719

<https://doi.org/10.54575/cbha.42>

1. História da Arte. I. Comitê Brasileiro de História da Arte. II. Anais do 42º do Colóquio do CBHA.

CDD: 709.81

Os textos dos artigos e as imagens reproduzidas nesta publicação são de responsabilidade dos respectivos autores.

Comitê Brasileiro de História da Arte (filiação ao *Comité Internationale de Histoire de l'Art*).

<http://www.cbha.art.br/index.html>

e-mail: cbha.secretaria@gmail.com

A historiografia da arte brasileira diante da imagem

Daniela Queiroz Campos, Universidade Federal de Santa Catarina, Membro CBHA

<https://orcid.org/0000-0002-9681-0977>

camposdanielaqueiroz@gmail.com

Resumo

A história e a historiografia da arte brasileiras são compostas por uma infinidade de tempos e lugares. Desde o início da sua escrita até a atualidade muitas foram as mãos responsáveis por redigir os textos que tiveram como tema os chamados objetos de arte. Suas formas e conteúdos transformaram-se significativamente durante os séculos. Historiadores da arte tiveram como aporte díspares premissas teóricas e metodológicas fundamentais não apenas para suas formações, como também para suas atualizações. O presente trabalho tem como mote a análise e a problematização da entrada de dois autores no cenário da historiografia da arte brasileira: Aby Warburg e Georges Didi-Huberman. Sendo que a partir das premissas teóricas de ambos podemos perceber uma considerável abertura no campo.

Palavras-chave: Historiografia da arte. Mercado editorial. Aby Warburg. Didi-Huberman. Teoria da imagem.

Abstract

The history and historiography of Brazilian art are composed of an infinity of times and places. From the beginning of his writing to the present day, many were the hands responsible for writing the texts that had as their theme the so-called art objects. Its forms and contents have changed significantly over the centuries. Art historians have contributed to disparate theoretical and methodological assumptions that are fundamental not only for their training but also for their updates. The present work has as its motto the analysis and questioning of the entry of two authors in the scenario of the historiography of Brazilian art: Aby Warburg and Georges Didi-Huberman. From the theoretical premises of both, one may see an opening in the field.

Keywords: Art historiography. Publishing market. Aby Warburg. Didi-Huberman. Image theory.

Das palavras iniciais

A história e a historiografia da arte brasileiras são compostas por uma infinidade de tempos e lugares. Desde o início da sua escrita até a atualidade muitas foram as mãos responsáveis por redigir os textos que tiveram como tema os chamados objetos de arte. As formas e os conteúdos desses textos transformaram-se significativamente durante os séculos. Historiadores da arte tiveram como aporte díspares premissas teóricas e metodológicas fundamentais não apenas para suas formações, como também para suas atualizações. Todavia, nem sempre esses livros estiveram disponíveis em língua portuguesa e no Brasil. Segundo Luiz Marques (2014, p.13), foi a partir da década de 1990 que o mercado editorial brasileiro começou a contar em maior número com textos basilares da história da arte.

O presente trabalho tem como mote a análise e a problematização da entrada de dois autores no cenário da historiografia da arte brasileira: Aby Warburg (1866-1929) e Georges Didi-Huberman (1953-). Sendo que a partir das premissas teóricas de ambos podemos perceber uma considerável abertura no campo. Segundo Fernando Checa, Aby Warburg apesar de ter produzido entre o final do século XIX e início do século XX, teve uma maior circulação e traduções de suas obras na segunda década do século XXI (CHECA, 2010, p.11). Para Hans Belting, Warburg foi um dos historiadores da arte mais sensíveis à questão da imagem (BELTING, 2014, p.67) e colaborou não apenas para a ampliação de objetos, como também para uma abertura epistemológica do campo. Ele abordou as imagens a partir de percepções mais alargadas e longe de barreiras temporais e puramente estilísticas. Georges Didi-Huberman, por sua vez, trata-se de um de seus mais destacados herdeiros intelectuais. E, no Brasil, pode ser considerado um dos importantes difusores das teorias warburgianas. Uma de suas questões centrais é que depois de Warburg a história da arte não estaria diante da imagem e diante do tempo como antes (DIDI-HUBERMAN, 2013, p.40). O filósofo e historiador da arte francês Georges Didi-Huberman defendeu sua tese doutoramento no ano de 1981 na *École des Hautes Études en Sciences Sociales* (EHESS) de Paris, instituição na qual passa a colaborar como docente a partir da década seguinte, 1990. O intelectual destaca-se por uma relevante e intensa publicação que tem como mote as imagens.

Pretendemos, então, estudar a entrada dos dois teóricos na historiografia da arte brasileira a partir de dois fatores. Primeiramente, examinaremos a entrada de traduções de textos dos dois teóricos no mercado editorial brasileiro. E, num segundo momento, analisaremos os historiadores da arte brasileiros que começaram a utilizar-se dos autores e premissas teóricas em suas pesquisas.

As palavras de Aby Warburg no mercado editorial brasileiro

As palavras redigidas por Aby Warburg tardam a serem publicadas no mercado editorial brasileiro. Seu primeiro título vinculado a tal mercado data do ano de 2013. A *Renovação da Antiguidade Pagã. Contribuições científico-culturais para a história do renascimento europeu* (Warburg, 2013) foi então publicado pela Editora Contraponto. Naquela ocasião a casa editorial carioca também lançou outros dois volumes associados ao nome do historiador da arte hamburguês: *Aby Warburg e a imagem em movimento* (MICHAUD, 2013) de Philippe Alain Michaud e *A imagem sobrevivente. História da arte e tempo dos fantasmas segundo Aby Warburg* (DIDI-HUBERMAN, 2013) redigido por Didi-Huberman.

A *Renovação da Antiguidade Pagã* trata-se de um compilado de diversos e notórios textos escritos por Aby Warburg que receberam ali a introdução do original em língua alemã de Host Bredekamp e Michael Diers. Dois anos depois, uma casa editorial brasileira de mais ampla circulação – a Companhia das Letras – publicou outra reunião de textos de Warburg sob o título: *Histórias de Fantasmas para gente grande. Escritos, esboços e conferências* (WARBURG, 2015).

O terceiro e último livro de autoria do historiador da arte publicado no Brasil conta com a organização, a introdução e a tradução de Cássio Fernandes. *A presença do Antigo. Escritos inéditos – volume 1* (WARBURG, 2018). A obra publicada no ano de 2018 por uma editora universitária – Editora da Unicamp – destaca-se por vincular textos até então inéditos no Brasil. Tais quais, a troca de cartas entre André Jolles e Warburg sobre a Ninfa e texto *O antigo romano na oficina de Ghirlandaio*.

Sem sombra de dúvidas, o mercado editorial brasileiro tarda a publicar os textos do destacado historiador da arte. Podemos vincular tal demora a dois principais motivos. O primeiro, já fora brevemente destacado na introdução desse texto. De certa feita, como bem escreve o historiador da arte espanhol Fernando Checca (2011, p.11), data da segunda década do corrente século uma ampliação das publicações e traduções de Aby Warburg. Um segundo motivo que pode ser aqui elencado, é que a circulação do nome e também dos textos do historiador da arte no Brasil é inicialmente visível num mundo acadêmico universitário.

De tal feita, as palavras redigidas por Warburg por aqui circulam primeiramente nas páginas de revista acadêmica. *A Imagens da região dos Índios Pueblos da América do Norte* (WARBURG, 2005) sai vinculado à *Revista Concinnitas* do Instituto de Artes da Universidade Estadual do Rio de Janeiro (UERJ) no ano de 2005. O texto aborda a experiência de Aby Warburg junto aos índio Pueblo que ocorre ainda na década de 1890 e que fora organizada em forma de conferência proferida em abril de 1923.

Todavia, se faz também notável que o nome do historiador da arte hamburguês chega ao Brasil antes das palavras por ele redigidas. No livro de *Mitos Emblemas, Sinais. Morfologia e História* (Ginzburg, 2007), cuja primeira edição brasileira data de 1991 e foi publicada pela Companhia das Letras, o historiador italiano Carlo Ginzburg dedicou dois artigos às teorias de Warburg, *De A. Warburg a E. H. Gombrich: Notas sobre um problema de método e Sinais: Raiz de um paradigma indiciário* (Ginzburg, 2007). Foi através destes dois textos que muitos historiadores da arte brasileiros travaram um primeiro contato com o nome de Aby Warburg, entre eles esta que vos escreve.

Aby Warburg e a historiografia da arte brasileira

As palavras redigidas diretamente pelas mãos do historiador da arte hamburguês tardaram a circular na imprensa brasileira, sobretudo na imprensa de mais ampla circulação, ou seja na não universitária. No entanto, em nosso país é visível – ou melhor, é legível – que as chamadas questões teóricas warburguinianas antecederam a circulação de seus próprios textos.

Historiadores da arte brasileiros abordaram o teórico a desde a primeira década dos anos 2000. Segundo Cassio Fernandes, é de sua autoria o primeiro texto sobre Warburg no Brasil. O artigo intitulado *Aby Warburg entre a arte florentina do retrato e um retrato de Florença na época de Lorenzo de' Médici* vinculado a *Revista História, Questões e Debates*, vinculada ao Programa de Pós-graduação em História da Universidade Federal do Paraná (UFPR), de 2004 teve como ponto de partida a pesquisa de doutoramento de Fernandes que abordou “[...]os últimos textos de Jacob Burckhardt sobre a arte italiana do Renascimento e, em consequência disso, dois ensaios de Aby Warburg sobre o tema das relações entre burguesia florentina e arte flamenga” (FERNANDES, 2018, p.126).

Também se faz notório o dossiê dedicado ao historiador da arte hamburguês na Revista Arte & Ensaio, do Programa da Pós-graduação em Artes Visuais da Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ), do ano de 2009. O pequeno dossiê contou com a organização de César Bartholomeu e é composto por uma apresentação e duas traduções. A primeira tradução sendo a *Introdução do Atlas Mnemosyne* de Aby Warburg, seguida por quatro pranchas negras. E a segunda, o afamado artigo de Giorgio Agamben *A ciência sem nome*, cuja primeira edição em língua italiana data de 1975. Segundo César Bartholomeu, “A decisão de construir um pequeno dossiê em torno da obra de Aby Warburg reitera a recuperação crescente da produção desse historiador e a importância atual de seu pensamento [...]” (BATHOLOMEU, 2009, p.1)

Num artigo publicado ainda no ano de 2020, defendi que Aby Warburg chegou ao Brasil com um sotaque não alemão, mas francês (CAMPOS, 2020, p.104). Redigi tal

afirmativa com base na anteriormente defendida por Giovanni Careri, historiador da arte italiano e docente no *Centre d'Histoire et de Théorie des Arts* da EHESS de Paris, para quem o Aby Warburg francês é didi-hubermaniano (Carreri, 2018). Sendo assim, me arrisquei escrevendo que o brasileiro também o é.

Todavia, apresenta-se como fato que a entrada de Aby Warburg no Brasil se deu através de textos e teóricos italianos, foi através dos livros do historiador Carlo Ginzburg que o nome e as teorias de Warburg começam a circular no Brasil, como muitíssimo bem defende Cássio Fernandes (2020, p.122) No entanto, também se torna bastante notório foi o historiador da arte francês Georges Didi-Huberman que efetivamente difundiu de forma mais alargada o nome de Warburg no Brasil. Tanto que o primeiro livro do historiador da arte hamburguês publicado no país coincide com a primeira visita de Didi-Huberman ao Brasil.

Os textos de Georges Didi-Huberman no Brasil

A entrada de um livro escrito por Georges Didi-Huberman no mercado editorial brasileiro antecede significativamente a entrada de Aby Warburg neste mesmo cenário. *O que vemos, o que nos olha* (DIDI-HUBERMAN, 1998) foi lançado pela Editora 34 ainda no findar do último século, no ano de 1998, título cuja primeira edição francesa data 1992. A edição brasileira contou com a tradução de Paulo Neves e se tornou bastante conhecida pelo excelente prefácio *Passos e caminhos de uma Teoria da arte* redigido por Stéphane Huchet.

No entanto, um hiato é perceptível entre o lançamento do primeiro e do segundo livro de Didi-Huberman em nosso país. O segundo teve que esperar mais de 10 anos para aqui circular: *Ser Crânio: lugar, contato, pensamento, escultura* foi então publicado pela Editora C/Arte no ano de 2009. A esse, logo somou-se um terceiro título *Sobrevivência dos vaga-lumes* em 2011 pela editora da UFMG. Ambos títulos se caracterizam pelo seu pequeno formato e pelo diminuto número de laudas, no entanto apresentam a potência das palavras e da teoria do historiador da arte francês. No ano de 2012 foi publicado *A pintura encarnada: seguido de Obra-prima desconhecida de Honoré Balzac* pela Editora da Unifesp.

A primeira estada de Georges Didi-Huberman no país colabora significativamente para a maior circulação de seu nome e da história da arte defendida por ele. Em 2013 o historiador da arte curou, juntamente com o fotógrafo Arno Gisinger (1964-), *Atlas, Suíte* que teve lugar no Museu de Arte do Rio (MAR). Como o título da exposição bem sinaliza ela teve como ponto de partida o *Atlas Mnemosyne* de Aby Warburg. Naquela ocasião foi então lançado a obra *A imagem sobrevivente. História da arte e tempo dos*

fantasmas segundo Aby Warburg pela Editora Contraponto. Ainda no mesmo ano foi publicado em língua portuguesa *Diante da Imagem. Questões colocadas aos fins de uma história da arte* pela Editora 34.

Entre a primeira e a segunda estada – 2017 – do historiador da arte francês no Brasil, um número significativo de obras foram aqui traduzidas. A tese doutoral *Invenção da histeria. Charcot e a iconografia fotográfica da Salpêtrière* e a *Semelhança informe: ou o gaio saber visual segundo Georges Bataille*, ambas pela Editora Contraponto no ano de 2015. Ainda no mesmo ano sai *Diante do Tempo. História da Arte e anacronismo das imagens* pela Editora da UFMG. No ano seguinte, *Que emoção! Que emoção?* pela Editora 34. E, em 2017, a Editora da UFMG lançou no mercado *Quando as Imagens Tomam Posição: o Olho da História, I* e a Editora 34 Cascas.

No ano de 2017 acontece então a segunda visita de Georges Didi-Huberman ao Brasil, também em razão de uma de exposição de sua curadoria: *Levantes*, que ficou em cartaz no Sesc Pompeia e que também contou com a publicação de um catálogo homônimo em língua portuguesa.

Nos últimos anos vem crescendo significativamente os números das traduções do historiador da arte francês em nosso mercado editorial. Entre interstício de 2018 e 2022 somam-se seis novas edições no Brasil. Tendo sido publicadas no ano de 2018 *Remontagens do Tempo Sofrido: o Olho da História, II, Atlas* ou o *Gaio Saber Inquieto: o Olho da História, III* e *Imagens-Ocasões*. No ano de 2019 *Sobre o Fio* pela editora Cultura e Barbárie. No ano de 2020, *Imagens apesar de tudo* pela Editora 34. E, no ano de 2021 *Povo em lágrimas, povo em armas* e *A vertical das emoções: as crônicas de Clarice Lispector*. No presente ano de 2022 podemos então somar um total de 20 livros de sua autoria publicados em português apenas no mercado editorial brasileiro.

Didi-Huberman na escrita de uma historiografia da arte brasileira

Georges Didi-Huberman escreveu que Aby Warburg colocou a história da arte em movimento. E eu, me atrevo a dizer que Georges Didi-Huberman a convidou para dançar. O filósofo e historiador da arte defendeu, e principalmente escreveu, uma história da arte distante das análises formalistas, das rijas fronteiras entre arte maior e menor e principalmente longe do sistema de um tempo linear. Segundo Stéphane Huchet, “Georges Didi-Huberman é um historiador pós-Damisch. Seus livros, que começaram a ser traduzidos no Brasil, articulam um denso saber para produzir o que propôs chamar de “antropologia do visual”. É uma posição de caráter neo-warburgiano [...]” (HUCHET, 2012, p.77).

Em trabalho apresentado no XXXVII Colóquio do Comitê Brasileiro de História da Arte, que aconteceu no ano de 2017 na cidade de Salvador, Vera Pugliese analisou justamente como historiadores da arte no Brasil apresentam em seus trabalhos de pesquisas tais perspectivas partidárias dessa “antropologia da imagem”. Segundo Pugliese, nomes como os de Roberto Conduru, Cláudia Valadão de Mattos, Mônica Zielinsky, Stéphane Huchet e Maria Lúcia Bastos Kern propõem “desativações conceitos e preconceitos, problematizações das práticas historiográficas artísticas que envolvem pressupostos de base e estrangimentos classificatórios estabelecidos pelo *mainstream* da história da arte” (PUGLISES, 2017, p. 79).

Atualmente muitas mão encarregam-se de redigir a história e a historiografia da arte brasileira, como a programação desse Colóquio bem demonstra. E talvez sua grande potência esteja justamente alocada nessa multiplicidade, nessa pluralidade. Pluralidade de imagens – sejam elas pinturas, esculturas, performances, instalações, fotografias, ilustrações, cinema – pluralidades de tempos e principalmente pluralidades teóricas.

Dos dizeres finais

Entres essas tantas bases teóricas são perceptíveis aquelas defendidas pelos nomes dos dois historiadores da arte aqui analisados. Aby Warburg e Georges Didi-Huberman que são partidários do que podemos então chamar de uma “antropologia da imagem”. Hoje torna-se também notória no Brasil uma história da arte que intenta colocar as imagens em relação, que defende os tempos heterógenos e anacrônicos para suas análises. Os conceitos warburginianos como o *Nachleben* e o *Pathosformel*, ou as montagens e um não saber imagem defendidos por Didi-Huberman possibilitam a escrita de uma história e de uma historiografia da arte que transbordem a própria arte, que pensem imagens e transpassem as barreiras espaciais e temporais.

Referências

BARTHOMEU, César. Dossie Warburg. In: Revista Arte & Ensaio. V. 19, n.19, 2009.

BELTING, Hans. Antropologia da Imagem. Lisboa: KKYM, 2014.

CAMPOS, Daniela Queiroz. A Ninfa e a Vênus: Entre dois historiadores da arte e três pintores. IN: SARZI-RIBEIRO, Regilene Aparecida (org.) Simpósio labIMAGEM: Laboratório de Estudos da Imagem: Volume 1. Imagem. Bauru: Canal 6, 2020.

CHECA, Fernando. Introducción. In: SETTIS, Salvatore. *Warburg Continuatus. Descripción de una biblioteca*. Barcelona: La Central, 2010.

DIDI-HUBERMAN, Georges. *A imagem sobrevivente. História da arte e tempo dos fantasmas segundo Aby Warburg*. Rio de Janeiro: Editora Contraponto, 2013.

_____. *Atlas ou o Gaio Saber Inquieto: o Olho da História, III*, trad. V. C. Nova e M. Arbex, Belo Horizonte, Editora UFMG, 2018.

_____. *A vertical das emoções: as crônicas de Clarice Lispector*. Belo Horizonte. Editora Relicário, 2021.

_____. *Cascas*. São Paulo: Editora 34, 2017.

_____. *Diante da Imagem. Questões colocadas aos fins de uma história da arte*. São Paulo: Editora 34, 2013.

_____. *Diante do Tempo. História da arte e anacronismo das imagens*. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2015.

_____. *Imagens apesar de tudo*, trad. V. Brito e J. P. Cachopo, São Paulo, Editora 34, 2020.

_____. *Imagens-Ocasões*, trad. G. Ivo, São Paulo, Fotô Editorial, 2018.

_____. *Levantes*. São Paulo: Edições SESC, 2017.

_____. *O que vemos, o que nos olha*. São Paulo: Editora, 34, 1998.

_____. *Povo em lágrimas, povo em armas*, trad. H. Lencastre, São Paulo, N-1 Edições, 2021.

_____. *Quando as Imagens Tomam Posição: o Olho da História, I* trad. C. P. B. Mourão, Belo Horizonte, Editora UFMG, 2017.

_____. *Que Emoção! Que Emoção?* São Paulo: Editora 34, 2016.

_____. *Remontagens do Tempo Sofrido: o Olho da História, II*, trad. V. C. Nova e M. Arbex, Belo Horizonte, Editora UFMG, 2018.

_____. *Semelhança informe: ou o gaio saber visual segundo Georges Bataille*, trad. C. Meira e F. Scheibe, Rio de Janeiro, Editora Contraponto, 2015.

_____. *Ser Crânio: lugar, contato, pensamento, escultura*. Belo Horizonte: Editora C/Arte, 2009.

_____. *Sobrevivência dos vaga-lumes*. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2011.

_____. *Sobre o Fio*, trad. F. Scheibe, Florianópolis, Cultura e Barbárie, 2019.

FERNANDES, Cássio. Aby Warburg entre a arte florentina do retrato e um retrato de Florença na época de Lorenzo de' Médici. *Histórias: Questões e Debates*. N.41, 2004. Curitiba. Editora UFPR, p.131-165.

_____. Considerações sobre a recepção da obra de Aby Warburg na América Latinas. IN: SARZI-RIBEIRO, Regilene Aparecida (org.) *Simpósio labIMAGEM: Laboratório de Estudos da Imagem: Volume 1*. Imagem. Bauru: Canal 6, 2020.

GINZBURG, Carlo. *Mitos Emblemas, Sinais. Morfologia e História*. São Paulo: Companhia das Letras, 2007.

MARQUES, L.;MATTOS, C.; ZIELINSKY, M.; CONDURU, R. Existe uma arte brasileira? In: *Perspective*, v. 2, sept. 2014, p. 1-18.

MICHAUD, Philippe Alain. *Aby Warburg e a imagem em movimento*. Rio de Janeiro: Editora Contraponto, 2013.

PUGLIESE, Vera. A Imagem entre a história da arte e a antropologia. In: *Anais do XXXVII Colóquio do Comitê Brasileiro de História da Arte*. Salvador – BA, 2017. WARBURG, Aby. *A presença do Antigo. Escritos inéditos – volume 1*. Campinas: Editora Unicamp, 2018.

_____. *A Renovação da Antiguidade Pagã. Contribuições científico-culturais para a história do renascimento europeu*. Rio de Janeiro: Editora Contraponto, 2013.

_____. *Histórias de Fantasmas para gente grande. Escritos, esboços e conferências*. São Paulo: Companhia das Letras, 2015.

WARBURG, Aby. Imagens da região dos índios Pueblos da América do Norte. In: *Revista Concinnitas: arte, cultura e pensamento*. Rio de Janeiro, v.6, p.110-130, 2005.

Como citar:

CAMPOS, Daniela Queiroz. A historiografia da arte brasileira diante da imagem. *Anais do 42º Colóquio do Comitê Brasileiro de História da Arte: Futuros da História da Arte: 50 anos do CBHA*, São Paulo: CBHA, n. 42, p. 846-855, 2022 (2023). ISSN: 2236-0719.

DOI: <https://doi.org/10.54575/cbha.42.067>

Disponível em: <http://www.cbha.art.br/publicacoes.htm>